GUSTAVO BARROSO – FASCINANTE INDIVIDUALIDADE

Pe. AZARIAS SOBREIRA

Não fôsse a minha firme esperança de poder, com alguns documentos de que disponho, lançar um pouco mais de luz sôbre a memória do saudoso autor de TERRA DE SOL, não ousaria, por certo, juntar minha pobre voz ao côro de intelectuais que, desde dezembro de 1958, se faz ouvir em sua exaltação.

E cumpre notar que me sinto perfeitamente a par das consagradoras manifestações de aprêço que lhe foram copiosamente tributadas no Rio e depois em Fortaleza, correndo tais iniciativas por conta do Museu Histórico Nacional, da Universidade do Brasil, do Ministério da Guerra, da Academia Brasileira de Letras, da Casa do Ceará, do Salão Juvenal Galeno, da Casa do Barão de Studart e da Casa de Tomás Pompeu.

Os supraditos documentos resultam, quase exclusivamente, de cartas de seu próprio punho, fruto que são de uma correspondência que assaz me desvanece e que, por mal de meus pecados, no fim de afanosa procura, em parte considero desaparecida. Mercê divina, o que ainda me resta diz bastante para se adquirir uma noção apreciável do espírito que nêle viveu. E estou persuadido de que pode servir de encorajamento a muito jovem pobre e receoso do futuro.

Não sei por que influxo do destino, faz parte de minha psique uma invencível tendência para submeter a determinadas provas, logo no início de minhas amizades, aquêles que mais fortemente me impressionam, despertando minha admiração. Sem levar na devida conta o risco de assim perder um precioso irmão em potencial, só de raro em raro me tenho abstido de fazer êste jôgo, prelibando o prazer do achado e a doçura da posse.

Gustavo Barroso, por sua vez, não foi por mim poupado. Mal se fizera, entre nós dois, um ambiente de mútua com-

preensão, escrevi-lhe perguntando pelo fundamento de certos rumôres circulantes em priscas eras, rumôres segundo os quais êle pouco ligava aos moços inteligentes que lhe iam bater à porta, ora atrás de uma carta de recomendação, ora de um prefàciozinho para seus ensaios beletrísticos.

Endereçando-lhe semelhante consulta, era-me presente ao espírito o que de perverso já se tinha boatejado contra Rui Barbosa em todos os recantos do País, em meus tempos de estudante. A crer nessas afirmativas, a Águia de Haia nada mais valia, no mundo moral, do que um ambicioso sem escrúpulos, usando e abusando de seu **gênio verbal** incomparável.

Depois que se me foram embranquecendo os cabelos, o que, acima de tudo, excita minha admiração é a capacidade de sacrifício pelo bem da coletividade, a serenidade nas contradições, a paixão da verdade, o sentimento visceral de tolerância para com as fraquezas do próximo, predicados incompatíveis com vaidosos e egoístas.

Eis com que grandeza d'alma me respondeu Gustavo Barroso, em missiva de 11 de novembro de 1955:

"Não é verdade que eu me abstenha, **sistemàticamente**, **de dizer uma palavrinha de animação a escritores provincianos, cada vez que me ofertam suas tímidas composições.** Se alguém lhe deu essa informação, ou ignora meu procedimento e procedeu com leviandade, ou fêz isso de má fé, o que é ainda mais lamentável.

"Jamais deixei de responder a uma carta ou agradecer um livro. Posso demorar no cumprimento dêste dever devido ao acúmulo de obrigações que me pesam sôbre os ombros, a uma enfermidade ou ausência do Rio de Janeiro, como se dá neste momento. Às vêzes, as cartas me são endereçadas para a Academia Brasileira, aonde sòmente vou às quintas feiras; de outras, à redação d'O CRUZEIRO, aonde raramente vou. E daí atrasos conseqüentes.

"Aliás, os jornais de Fortaleza constantemente publicam minhas cartas de louvor e estímulo aos que me enviam seus trabalhos, os quais julgam que minhas palavras têm algum valor para efeito de publicidade. Até mesmo prefácios não me nego de dar, embora a multiplicidade dêles acabe por tirar-lhes a valia.

"Não citarei nomes, mas são dezenas de jovens plumitivos que encontraram, de minha parte, acolhida fraterna, apoio material e as primeiras remadas no barco da vida. Quando, durante vinte e cinco anos, dirigi as revistas FON-FON e

SELETA, no Rio de Janeiro, suas colunas estiveram sempre abertas aos novos de tôda parte, e enchi a redação de cearenses.

"Aposentei-me naquela emprêsa e deixei à sua testa um cearense feito por mim, Martins Capistrano, auxiliado por outro que nela coloquei: Elias Freire. Eu não poderia esquecer as agruras do início de minha carreira, quando nunca tive ajuda de ninguém, e rompi caminho sòzinho, armado de coragem e teimosia. Ninguém, melhor do que eu, pode avaliar o que seja nascer do nada e conseguir a vitória.

"Como o Dr. Pedro Calmon, atual Reitor da Universidade do Brasil, meu colega na Academia de Letras e meu dileto amigo e glória da cultura de nosso País, muitas vêzes, em escritos e orações, tem referido o fato, com superioridade de espírito que muito o honra, dir-lhe-ei que o seu exemplo desmente a afirmação que lhe levaram, pois, sendo-me êle recomendado por Afrânio Peixoto, auxiliei-o a entrar para o quadro dos funcionários do Museu Histórico, fi-lo doze anos meu secretário e esforcei-me por sua eleição à **imortalidade**, em cujo seio o recebi.

"Outros novos me encontraram naquela instituição como um dos seus padrinhos para conseguirem a disputada investidura: o saudoso Paulo Setúbal, Olegário Mariano, que também recebi com afeto e justiça, Josué Montello etc.

"Faço-lhe esta exposição contra meus hábitos, pois não costumo gabar-me ou vangloriar-me. A minha profunda crença numa Justiça Eterna, diante da qual nossa imperfeição nos obriga ao silêncio, só me permite abandoná-lo quando necessária se torna a defesa de uma atitude moral."

* * *

Noutra ocasião, ainda por via epistolar, depois de ter lido, pela segunda vez, CORAÇÃO DE MENINO, talvez o seu melhor livro de memórias, aventurei uma sugestão: a de êle pacientemente refundir o volume, a fim de retirar dali algumas expressões que me soavam demasiado fortes, talvez descaridosas, ao esboçar perfis de antigos conhecidos de seus tempos de adolescente em Fortaleza. Queria também que, na incultada nova edição, desse diferente redação a uma ou outra página sua que me pareciam um tanto frouxas na forma.

Lançando essas cartadas, era dupla a minha intenção: provocar uma deliberação de que resultasse o aparecimento

de uma obra-prima em nossa literatura, objetivo inteiramente ao alcance do Autor, doutro lado, compelir Gustavo Barroso a deixar entrever-lhe o íntimo d'alma, que eu imaginava incomum pela sinceridade, mas que, ferido em seu pundonor, talvez lhe fizesse perder a calma, sintomàticamente.

Para maior realce de seu nome, conforme vão ver os leitores, o querido homem de letras ultrapassou a minha expectativa em carta que traz a data de 26 de fevereiro de 1956. Eis-lhe os tópicos decisivos:

"... admiro sua beneditina paciência na busca dêsses defeitos, porque, desde que me entendo no mundo das letras, costumo escrever dum jacto, obedecendo ao que me sai do íntimo, sem a menor preocupação de gramatiquices. O grande clássico D. Francisco Manuel de Melo, cujas EPANÁFORAS são imortais, diz lá não sei mais onde, que os erros gramaticais na obra de um escritor que o seja de verdade pelo sentimento e pelo brilho, podem ser comparados àqueles **grains de beauté**, ou galantes sinaizinhos de pano prêto, com que as damas tafuis fazem realçar o encanto de seu rosto empoado.

"Se o sr. se puser a catar essas pérolas na obra de Eça de Queiroz, por exemplo, terá pano para as mangas, mas nem por isso deixará êle de ser o maior escritor do Portugal moderno. Longe de mim a idéia de querer comparar-me ao autor de SUAVE MILAGRE no que antes ficou dito. Quero tão-sòmente justificar-me, mostrando-lhe que os meus erros serão todos filhos da absoluta despreocupação gramatical, companheira indefectível de quem escreve com o coração e não com a cabeça.

"O juízo definitivo sôbre o que tenho feito na nossa vida cultural não o espero dos meus contemporâneos, e sim dos que vierem mais tarde e possam tudo contemplar azulado nas distâncias do tempo. Se alguma cousa fiz que tenha valor, ela sobrenadará. Se não, tudo se afundará no silêncio mortal do esquecimento. Estou beirando os setenta anos e a dura experiência da vida, de desilusão em desilusão, me foi ensinando o nenhum valor dos galardões acadêmicos, oficiais, populares, nacionais e estrangeiros. Uso-os por obrigação social.

"No fundo da alma, porém, anseio por um retiro singelo, e contemplativo, longe das lutas, rivalidades e competição. Vivo por isto a recusar convites, e a fugir até de amigos elevados às altas posições. Só de Deus Nosso Senhor, a quem muito tenho ofendido e a quem, por mal de minhas fraquezas,

continuo a ofender, fio a recompensa do descanso e da compensação eterna. O mais o sr., **sacerdos in aeternum**, sabe melhor do que eu, é simplesmente a poeira da breve estrada que percorremos do berço ao túmulo."

* * *

Relativamente à sua fé de ofício como homem da pena, vai adiante o que me assegurou em sua carta de 24 de maio de 1957:

"... entendo que o escritor, sobretudo o historiador, tem o dever precípuo de se sobrepor a quaisquer paixões, escrevendo e narrando os fatos dum ponto de vista humano e verdadeiro.

"Estou com 68 anos feitos, mais cinco do que o senhor. Saí de minha terra natal com 21 e há 47, pois, ando, como dizia Cervantes, **per los andurriales del mundo**, exercendo os mais diversos misteres, **la tête contre les murs**. Nessa longa peregrinação, confesso-lhe humildemente, tenho cometido incontáveis erros e pecados, mas afirmo-lhe perante Deus, nunca aluguei, vendi ou pus a serviço de qualquer interêsse material, a minha palavra ou a minha pena. Talvez tenha esposado alguma causa difícil ou ingrata, mas o fiz de boa fé, creia, e disso não tirei proveitos, senão aborrecimentos e dores."

Logo mais adiante, põe-se a discorrer acêrca do Padre Cícero, certamente provocado por uma polêmica então ainda recente, e na qual a memória do velho sacerdote fôra rudemente atacada. E continua:

"Não recebi o volume de que me fala. Na verdade, o tema Padre Cícero me seduz. Por volta de 1912, andei escrevendo sob a rubrica o REI DO SERTÃO, no Jornal do Comércio onde então trabalhava, meia dúzia de artigos sôbre êle; mas hoje, com os olhos com que vejo o fenômeno, não voltaria a assinar.

"Não o cheguei a conhecer pessoalmente. É uma figura a ser estudada com cuidado e absoluta isenção. Estou certo de que, num meio anárquico, retardado e peculiar como o sertão daquele tempo, êle representou uma ordem, uma disciplina, uma centralização de energias, um sentido de vida, uma mensagem mais para o bem do que para o mal. Cometeu erros e equívocos. Quem não os comete?

"Infelizmente, com a vida que levo não me é possível abordar o assunto, que exige calma, busca nos arquivos,

meditação e apuro. O Raimundo Girão, culto, inteligente e sagaz, dedicado como é às cousas de sua terra, está òtimamente indicado para a tarefa, e estou certo de que fará obra limpa.

"Minha única ambição seria acabar minha vida onde a comecei: na minha terra. Sossegadamente. Mas são tantos e tão fortes os laços de família e de deveres que aqui me prendem que às vêzes até perco essa esperança. Mal comparando, como Prometeu, agrilhoado ao Pão de Açúcar, o abutre da saudade me rói o fígado. Tenho que procurar uma evasão pelas janelas do espírito. Reze uma vez por outra, por mim, padre" (1).

* * *

Possuo, entretanto, uma epístola de Gustavo Barroso, cuja leitura ainda mais deve interessar à posteridade **ex vi** dos profundos sentimentos de fé cristã e apaixonado amor ao torrão natal de que ela se faz eco. É a que vai agora ser transcrita na íntegra:

"Rio, 26 de setembro de 1957. Prezado amigo Pe. Azarias. Estou chegando do Chile, aonde fui a convite do Govêrno em missão especial, e encontrando sua generosa carta que me deu grande prazer. Muito grato pelas palavras elogiosas que nela dedica ao TERRA DE SOL, meu mais querido livro.

"Como me pede alguns esclarecimentos sôbre o mesmo, vou dizer-lhe algumas cousas com a sinceridade com que lhe falaria no confessionário. Nasci em Fortaleza, à rua Formosa nº. 4, hoje Barão do Rio Branco, em casa ainda existente, onde minha mãe morreu seis dias depois de me ter dado à luz. Criei-me em casa de minha avó materna e tias, à rua Major Facundo, nº. 32, depois 70, sobrado já desaparecido, onde se ergueu um prédio novo (2).

"Até os vinte e um anos vivi no Ceará, pobre mas feliz, em Fortaleza, no sítio de meu avô materno, no Benfica, nas fazendas dos parentes e do meu padrinho, com meu primo Padre Salazar em Maranguape, com amigos em Maracanaú

(1) Eu havia pedido sua opinião sôbre a hipótese de o Dr. Raimundo Girão incumbir-se de tão árdua iniciativa.

(2) Tendo em mira um livrinho objetivando a literatura cearense, eu lhe pedira tais informações.

e Baturité, impregnando-me de Ceará e amando-o acima de tudo.

"Foi a extrema necessidade de ganhar a vida que me arrancou da terra natal. Uma palavra, um gesto de meu pai me teriam prendido a Fortaleza. Esperei-os e não os tive. Fui obrigado a exilar-me. Sòzinho, sem proteção e sem dinheiro, lançado à voragem do Rio de Janeiro, aceitei humildes empregos para prover ao meu sustento. O primeiro foi de inspetor de alunos, depois de professor, num colégio de Petrópolis. Vi-me de repente num clima montanhês, frio, nebuloso, triste, sem família, sem amigos, isolado num quarto depois de cumpridas as minhas obrigações.

"Para ganhar um pouco mais, dali fui trabalhar em Minas, no vale do Paraopeba, na construção da bitola larga da Estrada de Ferro Central. De novo, as serras frias e brumosas, a solidão e o desconfôrto da moradia, em abarracamentos de trabalhadores braçais. Imagine, pois, a saudade do nosso sol, das amizades, da família, da categoria social, porque já tinha certo nome como jornalista, em Fortaleza.

"Foi necessário muita firmeza de espírito para não me confessar derrotado e não voltar. Mas eu havia jurado a mim mesmo nunca mais pedir nada a meu pai e abrir meu caminho de cabeça ereta. As páginas de TERRA DE SOL foram escritas nesses dias de solidão da alma, de saudade do Ceará, de desejo de regresso, de conversa comigo mesmo. Estão, portanto, cheias de sentimento, não tenho dúvida. E é por isto que a sua leitura agrada.

"De novo no Rio, em 1911, com as economias feitas nas serras de Minas, pude viver algum tempo sem trabalhar, procurando colocar-me na imprensa. Publiquei então alguns capítulos de TERRA DE SOL no Jornal do Brasil, no suplemento literário dominical.

"Em 1912, tendo travado conhecimento com Coelho Neto, mostrei-lhe o que já havia feito e êle me aconselhou a reunir tudo num livro a que aconselhava a dar o título de TERRA ADUSTA. Não me soou bem. Pensei nisto: TERRA DO SOL. Já então começara a trabalhar no Jornal do Comércio e um colega, o saudoso Artur Guaraná criatura modesta e inteligente, que também freqüentava a hospitaleira casa de Coelho Neto, e com quem conversara sôbre o assunto, aventou seria melhor e mais forte TERRA DE SOL.

"O historiador Rocha Pombo apresentou-me ao editor Benjamim de Aquila e êste aceitou fazer a primeira edição do livro. Teve êxito que me surpreendeu e tirou do incógnito:

carta elogiosa de Rui Barbosa, críticas consagradoras de José Veríssimo, Sílvio Romero, João Ribeiro, Aderbal de Carvalho, Nestor Victor etc. Eu tinha então vinte e três anos incompletos. Foi essa a porta de entrada de minha carreira literária.

"Todavia o que eu até hoje perdi do Ceará não compensa o que o destino me tenha dado de proveitos e glórias. Creia, Pe. Azarias, que a minha luta tem sido tão grande que os ferimentos recebidos são incuráveis. Graças a Nosso Senhor Jesus Cristo, se sou um magoado, não sou um revoltado: nunca me vinguei nem guardo ódios. Mas penso sempre que teria sido mais feliz se houvesse levado, em nossa terra, uma existência menos brilhante, porém mais perto da natureza, mais singela, mais de acôrdo com o meu temperamento. Êste não é o que a muitos possa parecer, visto como quase sempre assumo atitudes que não passam de cortinas de fumaça destinadas a ocultar aos invejosos que meus pés estão maltratados pela aspereza dos caminhos... E marcho como se pisasse em mármore de Carrara...

"Creio que o Pe. Azarias me compreende.

"Não fôssem as contigências da vida, obrigações de família, imposições de cristão, mau cristão, porém cristão ainda assim, desde muitos anos estaria vivendo no Ceará, tendo abandonado tudo, tôdas as quinquilharias que aos olhos do mundo parecem valer muito e nada valem. A minha esperança, esperança e não presunção, é que, pagos os meus pecados, que não são poucos nem pequenos, Nosso Senhor tenha um Ceará ideal para mim. Fio-me tão-sòmente no conceito: **misericórdia superexaltátur judício**, se me não trai a memória.

"Bem, a conversa mole já está longa demais. Ela teve por fim principal fazer-lhe sentir que o amor ao Ceará ditou as páginas de TERRA DE SOL a um rapazinho exilado, triste e enfrentando as agruras de uma grande luta. Só isso. No livro, contudo, vinha inserto, inconscientemente, um programa de estudos, cuja seqüência foram outros livros, desenvolvendo seus principais capítulos: HERÓIS E BANDIDOS, AO SOM DA VIOLA, O SERTÃO E O MUNDO, ALMA SERTANEJA etc.

"Desculpe o tempo que lhe estou tomando e espalhe um punhado de lembranças nessa adormecida cidade do Aracati, berço de minha família. Um abraço no Prefeito Abelardo. Outro a Castorina."

"Com a maior amizade."

* * *

Nesta altura eu bem poderia dar por finda a tarefa que a mim próprio impus: a de tornar públicas, na Revista do Instituto do Ceará, mesmo como garantia de perpetuidade, as observações de maior relêvo constantes da correspondência epistolar de Gustavo Barroso para mim.

Creio, na verdade, que de sua leitura muita gente boa para quem o mundo interior do grande beletrista era ainda um livro em branco, começará a descobrir nêle uma grandeza moral impressentida, em particular um feixe de crenças religiosas de alto preço.

Filho de pai livre pensador impenitente, criado num lar de tamanha indiferença religiosa que nem ao menos tomaram providências a que fizesse sua Primeira Comunhão; educado num colégio onde se ensinava tudo, menos o catecismo; convivendo com rapazes de sua idade, preferidos os mais levados da breca; possuindo, como professôres de Direito, um Soriano de Albuquerque e outro mais, ambos de inescurecível competência profissional, mas fazendo praça de agnósticos e irreverentes; como se explica haja depois, em pleno fastígio de escritor, aderido ao sentir da Igreja?

Entre os fatôres decisivos de semelhante passo, vejo, primeiramente, as estreitas relações de amizade que bem depressa o vincularam a Carlos de Laet, publicista de renomada erudição, membro conspícuo da Academia Brasileira de Letras, polemista temível e respeitado, além de ser então o maior líder católico de que se orgulhava a Terra de Santa Cruz.

A princípio, era só admiração pelo saber, coerência e cavalheirismo do outro. A seguir se fêz a amizade, tão significativa que ficaram sendo semanais as visitas ao solar do ancião, interrompidas apenas pela morte. Ali, ao correr das palestras e leituras a sós, foi se formando, no moço fortalezense, um apurado gôsto pela pureza do vernáculo, de que o Laet era uma das maiores autoridades no País. E daí, sem mesmo se dar conta, uma crescente estima pelas convicções cristãs que eram alfa e ômega daquele varão **sans peur et sans réproche.**

Não atingira ainda os 34 anos e já possuía lastro espiritual para, saudando Laet no Silogeu, assim poder focalizar-lhe a rijeza das convicções católicas:

"... reagindo contra o preconceito geral, desprezando o respeito humano, preferindo sempre a Fé e a Igreja às palavras vãs com que anda muita gente por aí enganando os outros, quando não enganando a si mesma, o que é pior, embora o não pareça.

"Não sendo católico praticante, sinto-me inteiramente à vontade neste terreno. **É preciso esmagar a infame!** — gritava a coorte voltairiana naquele tempo. A infame era a Igreja. O grito repercutiu, acordando os horrores revolucionários; mas quase dois séculos já se vão, e a Igreja ainda não foi esmagada. Sôbre sua existência multissecular escreveu Gebhart uma página na formidável: **L'homme vétu de blanc est toujors lá.**

"Não restam hoje do Império Romano mais do que ruínas e recordações. Da antiga Jerusalém arrasada por Tito nada mais resta. Mas a palavra de Cristo continua a viver e a dar vida a milhares de almas.

"Sois uma delas, sr. Carlos de Laet, e eu vos felicito por terdes, desde cedo, sem esperar pelos desencantos da velhice, preferido o doce Rabino ao César cruel, o caminho de Emaús à sociedade dos guardas do sepulcro vazio. E é de coração que vos digo estas palavras" (3).

* * *

Houve, porém, três outros fatôres que poderosamente, contribuíram para que Gustavo Barroso tomasse posição e se afirmasse obediente e humilde filho da Igreja: o seu auspicioso casamento com D. Antonieta Labouriau Barroso, baiana de invulgar formação religiosa; seus repetidos contactos com Jackson de Figueiredo e o Centro Dom Vital, que lhe vem cultuando o providencial programa de regeneração social; enfim, sua entusiástica incorporação ao SIGMA, do qual se patenteou uma das vozes mais prestigiosas, **ex vi** de sua sinceridade e pureza de ideal.

Foi só então que, para ficar bem consigo próprio e com os postulados daquela agremiação política, tratou de estudar a fundo os princípios filosóficos do catolicismo. Para atingir plenamente o alvo, depois de ouvir o Padre Leonel Franca, entregou-se à leitura da Suma, de Santo Tomás de Aquino, leitura que, levada a sério, dissipou tôdas as dúvidas que

(3) In Revista da Academia Brasileira de Letras nº 72, págs. 425-430.

ainda o torturavam.

"Depois dessa longa convivência com o pensamento do Doutor Angélico, disse-me o saudoso coestaduano, nunca mais sofri uma só crise religiosa. Minha fé encontrava-se para sempre cimentada."

* * *

Com data de 24 de fevereiro de 1961, veio-me às mãos a carta **infra** da viúva de Gustavo Barroso, cujos dizeres reafirmam, confortadoramente, o ponto de vista em que venho focalizando o autor de TERRA DE SOL. Ei-la:

"Depois da morte de Gustavo, abrindo a correspondência da qual êle ainda não tinha tomado conhecimento, encontrei uma carta sua a êle dirigida e tomei a resolução de lhe responder.

"Afora o abatimento dos primeiros dias, era um tal corre-corre entre pequenas obrigações, sempre recebendo visitas, que não tive tempo para mais nada.

"Dois meses antes da morte de Gustavo, sabíamos que êle estava irremediàvelmente perdido... e êle continuava completamente iludido. Foram meses muito tristes. Quando êle foi ao Ceará, não sabia absolutamente a gravidade de seu estado, só sabia que estava com "bico de papagaio" e esperava que o sol do Ceará lhe fizesse bem.

"Apesar de tudo, Nosso Senhor foi misericordiosíssimo e concedeu-me duas grandes graças: que Gustavo se confessasse perfeitamente lúcido e que não sofresse muito para morrer. Confessou-se e comungou duas vêzes no último mês, e escolheu meu próprio confessor para ouvi-lo. Disse-me que ia se confessar como se fôsse a última confissão. Também recebeu a Extrema-Unção.

"Nos últimos dias, a todo instante recitava o STABAT MATER em latim, porém parando e dizendo em português o verso: **Vêde se há dor igual à minha dor.**

"Pediu-me que daqui a alguns anos mandasse seus ossos e os de seu pai para serem enterrados no jazigo que mandou fazer para sua avó no Ceará. Disse que suas **condecorações** fôssem para o Museu Histórico."

"Teve uma agonia muito e muito suave. Nossos filhos e noras foram admiráveis de dedicação.

"Peço que continue a rezar pelo Gustavo e que agora o faça também por sua família."